



A 18.ª Conferência Latino-Americana de Produtos Florestais da Fastmarkets foi marcada pelas discussões sobre a volatilidade do mercado de celulose, a adaptação do mercado de papel neste novo cenário e a pressão econômica enfrentada na região

RESILIÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO: O SETOR DE BASE FLORESTAL EM DESTAQUE NA FASTMARKETS 2023

Analistas, executivos e líderes discutiram os desafios e incertezas que rondam a economia latino-americana e seus reflexos para os mercados de celulose e papel

POR THAIS SANTI
Especial para *O Papel*

As perspectivas globais apontam ainda para um ambiente de crescimento mais lento que exigirá resiliência do setor de base florestal em meio à persistente fragilidade da crise econômica mundial. Essa dinâmica afeta o desenvolvimento de diversos segmentos da indústria, conforme ressaltado por analistas, executivos e participantes da 18.ª Conferência Latino-Americana de Produtos Florestais da Fastmarkets, realizada em São Paulo-SP no início de agosto.

Maurício Une, estrategista macro sênior do Rabobank e keynote, convidado para fornecer um panorama sobre a economia na América Latina, apontou para um momento econômico global pressionado, em especial para a região, que lida com um cenário inflacionário e luta para não entrar em uma recessão e em busca de superar os juros altos. “Com uma desinflação lenta

na América Latina e a situação fiscal no Brasil também que não está resolvida, é importante, ainda assim, estimular investimentos e atrair investidores”, disse.

Tarefa essa que o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) demonstrou intenção clara de atuar mais próximo do setor de base florestal, a partir do desenvolvimento de indústrias de base florestal no contexto de um processo de reindustrialização, conforme destacou João Paulo Pieroni, superintendente de Inovação e Comércio Exterior do BNDES.

“O setor está totalmente integrado e alinhado ao propósito de desenvolvimento sustentável do BNDES, onde já atua com disponibilidade de 88% de pronto para impulsionar uma transição justa em direção a uma economia de baixo carbono. Nossa meta é proporcionar suporte abrangendo 20% dos R\$ 54 bilhões em investimentos planejados para o setor até 2028. Além disso, es-

tamos alinhados com os princípios da economia circular, que se harmonizam perfeitamente com nossas políticas. Essa indústria desempenha um papel crucial ao remover cerca de 1,8 bilhão de toneladas de CO₂, equivalente das emissões de gases de efeito estufa. No último decênio, o BNDES, de um montante total de R\$34,3 bilhões, financiou R\$15,1 bilhões, correspondendo a 44% do total”, disse Pieroni.

Além disso, o superintendente apontou que o setor pode se beneficiar diretamente da Taxa Referencial (TR) de 2,12%, voltada para o fomento à inovação, a qual é altamente benéfica para o setor e está programada para ser regulamentada pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) em 24 de agosto (***Veja nota ao final da reportagem**). No contexto da reindustrialização do segmento de papel e celulose, nosso objetivo é promover um diálogo contínuo para sustentar e potencializar nossa competitividade, especialmente destacando o papel da inovação, pesquisa e desenvolvimento.

Outros fatores mais próximos ao setor também podem impactar positivamente a indústria de base florestal, como o aumento da preferência do consumidor por produtos de base renovável e sustentável, aliado à substituição dos plásticos, bem como o e-commerce que, embora já não apresente crescimento igual ao período verificado durante o período da pandemia, continua a concentrar a grande parte das compras dos consumidores. Neste sentido, os papéis tissue, que cresceram vertiginosamente, continuam seu período de readaptação retomando valores normais.

Celulose, celulose fluff e celulose solúvel

Patrick Cavanagh, economista Sênior de Fibras da Fastmarkets Produtos Florestais, comentou que no curto prazo a demanda de celulose no mundo está baixa, porém a perspectiva é que comece a melhorar a partir de 2024. A demanda mundial de celulose de mercado em 2022 foi de 69,1 milhões de toneladas. Os dois principais consumidores são a China, que responde por 37% dessa demanda e a Europa (21%). Já a demanda por celulose de fibra curta é de 36,8 milhões de toneladas, com essas regiões respondendo por 40% e 21%, respectivamente.

“O dólar forte dos EUA está colocando pressão adicional sobre os preços da celulose, e um retorno aos padrões sazonais de demanda é fundamental para estimular o reabastecimento de celulose no segundo semestre de 2023. Além disso, a proibição chinesa de importação de papel recuperado, que pode aumentar a demanda por celulose virgem em outras partes do mundo, pode afetar os preços da celulose globalmente”, pontuou.

Cavanagh disse ainda que a queda de preços de celulose de fibra longa e fibra curta para a China nos últimos anos vem ocorrendo majoritariamente por conta de disrupções pelo lado da oferta. Além disso, o economista provisionou dois grandes problemas: a expansão de capacidade em grande es-

cala se combina com estoques recordes de produtores para resultar em oferta ampla de celulose de mercado. O tempo de inatividade e os fechamentos provavelmente trabalharão para apertar o mercado.

O cenário também não foi tão otimista para o mercado de celulose solúvel e celulose fluff, conforme as previsões de Hema Kalathingal, economista associado da Fastmarkets Produtos Florestais. Segundo a economista, a demanda por fibras têxteis crescerá, mas permanecerá abaixo da tendência pré-pandêmica. Já em Lyocell haverá um forte crescimento.” Vale dizer que somente em 2022, 2 milhões de toneladas de celulose solúvel foram disponibilizadas ao mercado com projetos que entraram em operação no mesmo ano. Dois deles no Brasil, sendo a Bracell e a LD Celulose, com 1,5 milhão de toneladas e 500 mil toneladas, respectivamente.

Para a celulose fluff, Hema afirmou que o aumento da população idosa continua sendo um fator positivo constante, bem como a cadeia de suprimentos mais eficiente e os preços que têm ajudado na demanda. Como novidade, um fluff de grau modificado poderá representar alguma ameaça para outros produtores, além da inflação global. Para os próximos três anos, a previsão é de um aumento de capacidade de 1,280 milhão de toneladas, considerando um projeto da Klabin, em Otacílio Costa, previsto para 600 mil toneladas em 2026.

Muito do que os analistas trouxeram foi também abordado pelos executivos no Painel de CEOs de celulose durante o evento, com as participações de Walter Schalka, presidente da Suzano, Rodrigo Libaber, diretor Comercial da Eldorado Brasil e Francisco Ruiz Tagle, CEO da CMPC.

Rodolfo Angele, analista de Óleo e Gás da JP Morgan e moderador do painel, indagou os presentes sobre temas como competitividade e custos da indústria. Walter Schalka pontuou que toda a competitividade do setor na América Latina já se inicia na árvore e vantagens do território, e foi sendo muito bem explorada pela estratégia logística, construída com investimentos realocados continuamente. Schalka evidenciou ainda o melhoramento realizado da base genética para aprimoramento da floresta, a sustentabilidade das operações, com energia renovável nos processos, afirmando que isso se deu não apenas na Suzano, mas por todos do setor, alcançando um patamar difícil de ser replicado em outras regiões.

Schalka comentou ainda sobre os desafios do mercado. “A volatilidade não é benéfica e já falei sobre isso nos anos anteriores. Continuamos a trabalhar para mitigar esse problema. Já demonstramos que quando o preço sobe mais rapidamente do que o custo do papel, isso reduz as margens na próxima etapa de produção. Na prática, a volatilidade não tem sido vantajosa para toda a cadeia. Se conseguirmos reduzi-la, será benéfico para todos: o setor de papel, os bens de consumo e o mercado em geral”, enfatizou.

À fala do presidente da Suzano, Libaber acrescentou que, nesse setor, nota-se que cada vez mais o custo não está diretamente ligado ao preço. O erro reside em pensar que o custo de produção é uma equação simples, quando na realidade envolve diversos outros fatores. “À medida que os clientes deixam de ser apenas compradores e se tornam parceiros, a relação entre nossos produtores de celulose e os produtores de papel também tem se mostrado benéfica”, ao comentar a forma de se relacionar com o mercado e encontrar um ponto de equilíbrio, reduzindo impactos ao mercado na volatilidade dos preços.

Rodrigo Libaber, também chamou a atenção para os avanços do setor, especialmente na área florestal, cada vez mais investindo em tecnologias para tornar essa operação mais produtiva. “Somos uma indústria de capital intensivo, que exige que sejamos competitivos para manter nossos investimentos. Os progressos nessa área têm sido notáveis, abrangendo superação dos desafios como incêndios florestais, combate às pragas, chuvas, temperatura e solo, entre outros”, disse.

Para Francisco Ruiz Tagle, CEO da CMPC, a competitividade do setor também se dá não só pelos custos mais baixos da madeira, mas também pelo investimento na eficiência e produtividade das fábricas e da logística.

Sinalizando a perspectiva positiva de longo prazo dos *players*, como vantagens para o futuro, Tagle vê como vantajoso o momento de transição energética e desenvolvimento de novos produtos através da celulose como matéria-prima para substituição do plástico. “Vamos expandir nossos negócios como um todo na região e no Brasil. Nossos investimentos estão pensados nas três áreas da Companhia: Celulose, Tissue e Bioembalagens. Acreditamos que um futuro sustentável depende do desenvolvimento da nossa indústria e dos novos produtos que possam ser produzidos a partir desta matéria-prima biodegradável, renovável e reciclável”, afirmou.

O presidente da Suzano também falou sobre a estratégia para a escolha dos negócios da empresa. “Adotamos uma abordagem criteriosa. Nossos registros de alocação de capital comprovam que todas as operações que empreendemos geraram valor, seja com a IBEMA, a Kimberly-Clark ou a Fibria, e todas demonstraram assertividade. Caso contrário, nossa prioridade será quitar dívidas e distribuir dividendos. Nossa disciplina financeira é primordial, e a volatilidade do mercado nos torna mais conservadores. Para prosperar, enfrentamos apenas duas questões fundamentais: a necessidade de escala e a busca por diferenciação, seja por meio da competitividade em termos de custo seja pela qualidade do produto”, disse.

Papéis e seus segmentos

Ao comentar o panorama do segmento de papéis tissue, Esko Uutela, diretor da Fastmarkets, retomou o cenário vivenciado em 2020 no mercado, quando a indústria verificou um crescimento

excepcional da sua demanda de 5,8%. Porém, por se tratar de um período atípico, o setor já tem verificado queda nesses índices nos anos posteriores. “A Ásia permanece como a região mais promissora, com aumento de capacidade, porém, a concorrência está cada vez mais intensificada”, disse Uutela. Até 2025, o crescimento previsto para o consumo é de 3,9% ao ano, abandonando a marca dos 5,5% de média registrados nos anos anteriores.

Embora afetado pelas consequências da pandemia na economia, a América Latina tem apresentado recuperação e também deve ter um crescimento significativo nos próximos dois anos. “O maior aumento no consumo deverá acontecer no Brasil, seguido pelo México. Esses dois países desempenham um papel fundamental para novas expansões, impulsionadas pelo crescimento orgânico do mercado. Colômbia, Peru e Argentina, que também devem apresentar um crescimento substancial em volume, embora o potencial deles seja claramente inferior ao dos dois maiores mercados. O crescimento total do mercado latino-americano deve ser de quase um milhão de toneladas entre 2021 e 2026, oferecendo boas perspectivas para novos investimentos”, afirmou o diretor da Fastmarkets.

Já na Europa Ocidental, esse cenário ocorrerá de forma mais lenta. “Existem preocupações acerca da energia e as importações líquidas têm crescido”, apontou. Na Europa Oriental, Esko limitou-se a dizer que se trata de um cenário indefinido dado o conflito entre Rússia e Ucrânia. E para os Estados Unidos, Esko disse que o mercado está gradualmente voltando aos padrões normais, onde, surpreendentemente, as perspectivas para o equilíbrio entre oferta e demanda são otimistas.

Na sequência, o painel com os produtores de tissue discutiu o panorama do aumento dos custos e das mudanças do mercado de tissue na América Latina. Luciana Dobuchak, diretora comercial da Indaial Papel (Ipel), disse que foram dois anos muito difíceis com a pandemia e que fez com que olhasse muito mais para o gerenciamento de riscos e despesas e estão mais calmos em relação à fibra, mas é um momento do mercado onde não estamos consumindo, pois compramos menos, o que afeta a competitividade na geração da receita. Trabalhamos no mercado profissional e os novos modelos de trabalho também impactaram. De maneira geral, é o momento de colher o trabalho árduo do aprendizado desse período de alta da celulose.

Fernando Pinheiro, presidente da Copapa, lembrou que no ano anterior os custos das fibras imperavam. “A celulose ainda não chegou aos preços de 2020, mas já melhorou. Outro ponto são os fabricantes que usam aparas também. O papelão está com preços baixos e nas aparas brancas o custo está alto. O lado bom é que a gestão de riscos foi feita primorosamente e também gerimos as perdas do processo de maneira muito mais eficaz. Trabalhamos também com produtos focados para aqueles consumidores que precisavam de preços melhores. Além disso, outro aprendizado foi a reavaliação dos contratos com os clientes”, pontuou Pinheiro.

Marcos Lupianhes, diretor comercial da Suzano, comparou que para eles as dificuldades também existem, pois na divisão de papéis da companhia a celulose é comprada tal como os demais clientes e o impacto que o insumo tem para os resultados. “Outro ponto de grande responsabilidade para a indústria é em relação aos nossos clientes no varejo, as grandes redes passam por um processo de consolidação, mas, infelizmente, não têm apresentado um resultado tão bom quanto o esperado e isso traz mais pressão. É um momento de continuar buscando recuperação nesse ambiente”, disse.

Como tendências em produtos nos próximos anos no mercado interno, Luciana pontuou que houve um retorno muito grande de papel folha simples, mas a maior produção ainda é de folha dupla. “Já o papel toalha, principalmente na linha profissional, por uma demanda da pandemia, teve continuidade. O papel toalha de cozinha também, ainda que em produtos com menos folhas que em outras regiões”, afirmou.

Pinheiro também comentou esses ajustes de formato, tamanho e quantidade nos papéis. “O poder socioeconômico tem impacto e o mercado de folha dupla está retomando. O papel toalha multiuso é uma grande oportunidade. A sua cadeia de maturação já vem há um bom tempo e a tendência é incentivar o consumo com mais folhas”, pontuou.

Abordando ainda as oportunidades entre produção e consumo, Luciana afirmou que ainda há muito espaço para crescer. “Fusões e aquisições têm acontecido, novas máquinas substituem as antigas, mas não tanto em na instalação de novas máquinas”, completou a diretora comercial da Ipel.

O mercado global de papéis gráficos apresentou melhora atípica em 2021, mas traz incertezas para os próximos anos, conforme mostrou Alejandro Mata Lopez, diretor da divisão de Papel Gráfico e Embalagens da Fastmarkets Europa. Da demanda global de papéis de 423,8 milhões de toneladas em 2022, o segmento de papéis gráficos ainda responde por 91,5 milhões, com queda de 1,1% em relação a 2021. Tal relevância, disse o economista, demonstra que as taxas de operação têm retomado níveis normais aos registrados no período pré-pandemia, mesmo que ainda sejam insuficientes. Porém, ajustes no mercado mundial devem ser verificados. “Até 2025 novas reduções de capacidade serão verificadas com maior intensidade, especialmente na Europa, onde 9,6 milhões de toneladas deverão sair do mercado. Na América do Norte esse número é de 1,6 milhão de toneladas, seguido pela Ásia, com 400 mil toneladas e redução de até 600 mil toneladas para o restante dos países”, disse.

As provisões para a América Latina, de 2023 a 2024, é uma queda de -1,1%, com crescimento de apenas 0,3% e 0,7% para o México e para a Colômbia, respectivamente. No Brasil e Peru, a perspectiva é de -2,2%, Chile com -4% e um cenário ainda mais negativo para a Argentina, com declínio de -3,6%. Mata justificou que a mudança para plataformas digitais para meios

de notícias, por exemplo, tem se mostrado como algo permanente. “A mídia impressa está enfrentando receitas publicitárias menores, acelerando esse processo. Os países da América do Sul têm apresentado tendências comparáveis aos Estados Unidos e Europa”, comentou.

Com relação ao mercado de embalagens, Rafael Barisauskas, economista especialista em celulose e papel da Fastmarkets, trouxe suas considerações sobre o segmento. A principal delas é que o consumo de papelão ondulado na América Latina tem sido fortemente impulsionado pela indústria alimentícia, principalmente para exportações, mas também para o mercado interno. Ainda assim, o fornecimento de papelão ondulado tem aumentado mais do que a demanda nos últimos anos, resultando em um desequilíbrio entre oferta e demanda.

Outro ponto observado pelo analista foi que a indústria latino-americana está estagnada, o que faz com que a demanda por embalagens cresça aquém de seu potencial, tendo México e Brasil com 60% da demanda. “Condições econômicas domésticas melhores e crescimento populacional poderão ser impulsionadores para uma possível recuperação na demanda por embalagens até 2024”, disse.

A demanda de papelão ondulado é de 15,3 milhões de toneladas para 2024, em um cenário positivo, considerando essa recuperação mais rápida e com *boom* nas exportações de alimentos, mas vale dizer que depois da pandemia, o crescimento tem sido de apenas 1%. Rafael justifica que foi fraco por conta do poder de compra da população, da volatilidade das exportações de alimentos e da falta de estímulos globais, em geral.

A perspectiva mais fraca, conforme o economista, inclui uma demanda doméstica abaixo do esperado e inflação de dois dígitos. E há também a perspectiva forte, que aponta para uma recuperação mais rápida na demanda doméstica, com estímulos de demanda no Brasil, Chile e Argentina. “No campo das exportações de alimentos, o destino principal tem sido a Europa, os Estados Unidos e a China, sendo que o maior consumo de embalagens de papel está nos segmentos de pedidos e frutas, especialmente em morangos e uvas.

Um painel de líderes do setor de embalagens comentou o seu momento atual, bem como as novas tendências para o mercado. Participaram desse painel Marina Faleiros, moderadora do painel e gerente editorial para a América Latina na Fastmarkets, Luiz Gonzalez, CEO da Cartomicro, Fernando Celani, diretor da Cartonificio Valinhos, José Soares, diretor comercial da Klabin, e Ron Sasine, presidente da Hudson Windsor.

José Soares, diretor comercial da Klabin, comentou que durante a pandemia, os produtores testemunharam quase uma corrida frenética por caixas e, naturalmente, enfrentaram desafios logísticos, mas ao longo do tempo, essas questões foram sendo resolvidas gradualmente. Agora, nos deparamos com a economia se ajustando à diminuição do consumo. “A demanda

está menor. Na América Latina e na Europa, essa adaptação já ocorreu, mas no Brasil, estamos um pouco atrasados nesse processo”, observou Soares.

Ele acrescentou otimismo com a notícia de que os estoques, que ficaram parados por quase um ano, agora estão sendo reabastecidos de forma mais pontual, e as compras estão voltando ao normal. Além disso, ele destacou que as perspectivas no mercado internacional são promissoras, especialmente com a chegada do verão no hemisfério sul, e o segundo semestre se anuncia mais dinâmico.

Para Fernando Celani, que compartilha a visão de que o segundo semestre também é melhor no Brasil e agora o mercado está voltando à normalidade, o setor ainda será favorecido por outros fatores. “Conforme o Rafael demonstrou, os juros estão caindo e também há um sentimento positivo na reforma tributária, a negociação da dívida para a população estimulando o consumo, e também algum crescimento para o papelão ondulado, bem como a saída de alguns players que não eram do segmento e estavam atuando no setor”, comentou.

Já Luiz Gonzalez, CEO da Cartomicro, empresa mexicana, expressou a expectativa de um desempenho melhor no segundo semestre, salientando o foco da empresa em estreitar laços com o mercado norte-americano, com a esperança de que isso resulte em uma maior demanda a partir de 2024.

Ron Sasine, presidente da Hudson Windsor, compartilhou boas notícias sobre os inventários voltando a níveis mais normais, com atividades mais intensas nos setores agrícola e hortifrúti. Ele também mencionou relatórios trimestrais recentes com resultados melhores do que o esperado por parte das empresas do setor de papel, indicando perspectivas mais otimistas e uma retomada em direção a uma previsibilidade maior.

Em relação ao excesso de papel em algumas regiões, Marina Faleiros, moderadora do painel, questionou onde estão as oportunidades. José Soares respondeu destacando que o excesso é mais acentuado na Europa, onde a capacidade está sendo adiada e os custos de construção de fábricas aumentaram significativamente. Ele previu que esses ajustes e adiamentos na América do Norte e Europa podem abrir espaço para oportunidades no mercado brasileiro, onde os ajustes estão ocorrendo pontualmente em todo o mundo.

O evento também abordou perspectivas específicas, como as apresentadas na sessão Fastmarkets Outlook: Boxboard (pape-

lão ondulado) na Ásia”, onde Érico Hu, economista para a Ásia na Fastmarkets, compartilhou suas análises sobre o mercado na região, afirmando que haverá excesso de oferta após o aumento da expansão da capacidade.

“Em 2022, a demanda por papelão foi fraca devido ao lockdown e ao lento crescimento da renda. Nesse período, as exportações de papelão dispararam 64% à medida que os produtores chineses avançaram ainda mais na recuperação dos mercados internacionais. Já em 2023, as despesas dos consumidores estão se recuperando, mas isso ocorre lentamente e principalmente no setor de serviços. Ao mesmo tempo, as exportações desaceleraram após a retomada da capacidade de produção no exterior e a demanda externa diminuiu”, contextualizou. Diante desse cenário, a perspectiva do economista é que a capacidade crescerá cerca de 3,5 milhões de toneladas por ano entre 2022 e 2024, enquanto a demanda crescerá apenas 1 milhão de toneladas.

O segmento de sacos e novas embalagens também contou com percepções sobre a situação atual da indústria de papel kraft, que tem a Europa como maior produtor mundial e deve crescer mais 4% em 2024, como respostas dos produtores às crescentes demandas por alternativas aos plásticos. Camila Jaramillo, economista associada da Fastmarkets, discutiu desenvolvimentos recentes em serviços de alimentação, varejo e comércio eletrônico, apresentando essas perspectivas de demanda, desafios e oportunidades.

Demais painéis de igual importância também fizeram parte da programação do evento. Entre eles, o intitulado Perspectiva dos Consumidores Finais sobre como superar as barreiras de custo para substituição de plásticos, as necessidades dos consumidores latino-americanos e as inovações por parte dos produtores de embalagens de papel. Participaram desse painel Ron Sasine, presidente da Hudson Windsor, Fabio Mortara, presidente da TwoSides Brasil, Nilo Cottini Neto, diretor de produção da Brasilgrafica, Alexandre Lima, gerente de sustentabilidade do iFood e Sandy Oliveira, repórter de preços na Fastmarkets.

Além disso, o assunto Mercados de Carbono e ESG no Setor Financeiro também ganhou destaque. Os especialistas Luis Sucupira, chefe de Análise Internacional de Madeira da Fastmarkets; Marco Antonio Fujihara, diretor da Aggrego, e José Carlos Fonseca, diretor-executivo da Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ), debateram como a indústria florestal pode melhor atuar nos mercados voluntários de carbono. ■

Nota: *Em reunião ordinária realizada em 24/8, após o evento, o CMN aprovou Resolução que define os critérios de elegibilidade para as operações de financiamento à inovação e à digitalização com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) repassados (BNDES), mediante remuneração pela TR, para regulamentar recente alteração legislativa que estabeleceu que até 1,5% dos recursos do FAT repassados ao BNDES, desde que destinados a operações de financiamento à inovação e à digitalização apoiadas pelo BNDES, poderão ser remunerados pela Taxa Referencial (TR).